



EXPERIÊNCIA E ANÁLISE INICIAIS DA VIVÊNCIA ESCOLAR A PARTIR DA CARACTERIZAÇÃO DE TURMAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Maria Eduarda Souza Ribeiro ¹
Paulo César de Oliveira ²

RESUMO

A referente pesquisa busca demonstrar, através de estudos teóricos e práticos, os quais puderam ser realizados na vigência da disciplina de Estágio Supervisionado I do curso de Geografia da Universidade de Pernambuco, que é imprescindível para a formação profissional da licenciatura, conhecer conceitos sobre a escola e os seus participantes. Partindo assim para o contato com a sala de aula, analisando os diversos meios de aprendizagem, e como são aplicados por diferentes docentes, em classe. Neste aparato, ressalta-se as dificuldades e surpresas encontradas nas observações dos grupos em classe, e na análise geral da escola campo. Envolvendo assim a importância da experiência do estágio, seja em observação ou ação.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado I, Escola, Aprendizagem, Docentes.

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado em relato ocorre a partir da Universidade de Pernambuco em uma escola pública no município de Nazaré da Mata – PE, em turmas do Ensino Fundamental (7º ano) e Ensino Médio (3º ano).

O ponto crucial de um estágio seria o olhar analítico que forma uma visão integrada à escola, capaz de buscar ousadia, criatividade e responsabilidade, para moldar ou ajudar em determinadas situações. Este é o papel de todo professor, desde o iniciante, até o mais experiente. Afinal, o primeiro e principal foco do docente é o aluno, e este último precisa estar preparado e liberto no mundo que o rodeia, sendo crítico e participativo.

Neste aparato, a Geografia, como uma ciência de visão ampla sobre o mundo, funciona como uma base para a incitação e aguçamento do pensar do aluno, e das discussões em classe, promovidas pelo professor, tratando uma integração de ambos os lados. Porém, neste ver, esta

¹ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade de Pernambuco – UPE, eduarda_ribeiro40@hotmail.com;

² Professor Orientador: Doutor, Universidade de Pernambuco - UPE, geografo_paulo@hotmail.com.



disciplina, pouco vem sendo usado para fins como este, é apenas tida como uma mera necessidade cotidiana e indiferente de importância.

Dessa forma, o Estágio Supervisionado, se torna essencial para a observação e até mesmo ação de instigação do trabalho professor-aluno, nesse caso em especial na disciplina de Geografia. Nestas práticas então, que é proporcionado aos estagiários(as) na escola campo, as primeiras vivências em sala de aula e o olhar inicial da profissão no mundo atual.

METODOLOGIA

O trabalho é de uma pesquisa qualitativa, onde de início foi necessário utilizar o instrumento de levantamentos bibliográficos a exemplo de dizeres como Freire (1979), Menegolla; Sant'Anna (2001) e entre outros.

A realidade observada nesta pesquisa se associa a análise de conteúdo, que segundo Chizzotti (2001, p. 98), tem como objetivo “compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”. Pois bem, tem-se a observação, por permitir uma aproximação através do contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado e, assim, pôde-se lançar mão dos “conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado”. (LÜDKE; ANDRÉ, 2000, p. 26)

Logo, cabe a pesquisa minuciosamente observar os casos que são propostos para trazer significados e discussões precisos. A exemplo foram analisadas aulas de Geografia na disciplina de estágio, em perpasso a interatividade com o corpo de professores presente na escola. Nesta linha, a observação do papel do professor hoje na educação é o laço de introdução desta pesquisa, embasando os meios para sua personificação. Esta pesquisa se direciona aos professores em formação inicial e aos de demais congruência no campo educacional.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em primeira instância, decidir cursar licenciatura, vivenciar suas práxis teóricas por dois anos, e partindo destas adentrar à observação e prática em sala de aula, nas disciplinas de estágio, é como sair de uma malha de conforto e seguir ao desafio, ao real. Por isso, poderia se afirmar que se existe uma necessidade de se desenvolver a educação em qualquer espaço que seja, é necessário sair da zona de conforto.



Eis o momento de conhecer em partes, a verdadeira face do ramo educacional, nas instituições escolares. Analisar, observar e reger aulas, abarca reflexões, que talvez antes não foram vivenciadas pelos estagiários(as). Pois como dizia Immanuel Kant (1724-1804), “a educação é o maior e mais difícil problema imposto ao homem”, essa seria então a ênfase da atual situação do quadro educacional do país, com consideráveis índices de analfabetismo, violência, e em suma a escola tomando fuga do seu real papel em sociedade.

No entanto, é nesta pauta que as políticas educacionais precisam ser colocadas em jogo, e serem discutidas, em reformulações e meios de diversificar os campos de ensino, em cabimento de instruções governamentais, que muitas vezes não realizam aquilo que propõem em constituição. Surge então o papel abrupto do professor, estando muitas vezes sozinhos e isolados, com o objetivo de passar a funcionar e delinear caminhos para a facilidade de aprendizagem do aluno. Seria este o campo de ação do estágio, o de observar como se desprende os processos de aprendizagens nas escolas concedentes, e a partir desse ponto, criar meios do conhecimento se sobressair de maneira contextual ao que é realidade dos alunos, e até mesmo dos professores, que na maioria das vezes precisam de apoio.

Nesta linha, o papel do estagiário(a) não estaria apenas atrelado a necessidade de observar aulas e escrever relatórios, para cumprir tabela. Na verdade, a questão vai além disso, está ligada a precisão de se inserir no meio educacional, e começar a ser ativo neste, intervindo e influenciando no cotidiano das escolas propostas.

Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade, e procurar soluções. Assim pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias. [...]. A educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais. (FREIRE, 1979, p. 30 - 31)

Partindo desse pressuposto, o homem se coloca como um ser transformador, inovador e criativo. Eis então este entrelaço ao campo da Geografia, que conforme Fernandes, 2011:

A Geografia que se ensina busca sua sustentação na Geografia Ciência, portanto, a atuação na educação básica deve ser na perspectiva da construção de uma abordagem totalizante, na busca de que os alunos apreendam as especificidades dos diversos lugares, diante de suas diversidades naturais e sociais, ou seja, em uma dimensão. (FERNANDES, 2011, p. 44)

Nesta contextualização da dimensão de ensino na Geografia, como uma ciência que busca formar cidadãos de opiniões influentes e transformantes em sociedade, é que a atividade de estágio se torna importante, não só para o discente universitário que vai exercê-la



(aprimorando experiência e conhecimento promiscuo na área), mas também para o professor supervisor e os alunos participantes, que passarão a ter contato, com uma discussão extraclasse.

Dito isto, é necessário se remeter a atividade interventiva ocorrida nos 3º anos do Ensino Médio da referida escola pública, que abarcou conteúdos de dificuldades dos alunos que estavam prestes a realizar provas vestibulares no fim do ano, e que funcionou como uma inovação atrativa nas classes. Justamente pelo fato de os alunos terem a curiosidade e o intento de observar a aula das estagiárias em vigência, muitas vezes até sem a pretensão de compreender os assuntos, mas no fim acabam se rendendo.

É nesta instância, que a colaboração dos estagiários(as) com a professora supervisora funcionou dinamicamente. Em primeira parte, por buscar atrair a curiosidade dos alunos, em uma maneira que fugiu do cotidiano (a professora regente, não daria a aula interventiva), e em segunda parte, por trazer assuntos de dificuldades tidas por eles de maneira resumida e discutida, aberta para a compreensão de dúvidas. Assim, Oliveira 2006 alerta que:

É interessante reconhecer que o estudo da Geografia deve ser consequente para os alunos, suas experiências concretas deverão ter interligamento e coerência dentro do que é ensinado, pois o vivido pelo aluno é expresso no espaço cotidiano, e a interligação deste com as demais instâncias são fundamentais para a aprendizagem. (Oliveira, 2006, p. 16)

Pois então, é nesta inerência, que o novo se torna atrativo e a aproximação com a realidade em classe, é transformadora. A necessidade de inovação em sala, é urgente, e o Estágio Supervisionado, muitas vezes se torna um meio para isto.

Neste ponto, a união entre o corpo escolar e o(a) estagiário(a) gera uma força motivadora em direção aos discentes presentes na concedente. Assim, surge a necessidade do planejamento. Como afirma Menegolla; Sant'Anna (2001), o planejamento não deve ser visto como regulador das ações humanas, ou seja, um limitador das ações tanto pessoais como sociais e sim, deve ser visto e planejado no intuito de nortear o ser humano na busca da autonomia, na tomada de decisões, na resolução de problemas e principalmente na capacidade de escolher seus caminhos.

Portanto, temos o planejamento como um ato político-social, que precisa visar a liberdade dos inseridos. É neste aparato, que o Estágio Supervisionado, se coloca como essencial, no intemerato de ajuda na escola concedente, e na formação de alunos para o mundo, com uma visão norteadora e crítica. A preparação de planos de aulas, visando uma realidade própria de um determinado grupo classe, abrange a necessidade de os discentes entenderem a importância do que vai ser ministrado em aula.



Dessa forma, o aprender e se constituir com uma visão dinâmica sobre o mundo não é só um prazer dado aos alunos, durante o estágio, mas também ao discente universitário que realiza tal tarefa, compreendendo que:

[...] estar formado para a vida significa saber se informar, comunicar-se, argumentar, compreender e agir; participar socialmente, de forma prática e solidária; ser capaz de elaborar críticas ou propostas; e especialmente, adquirir uma atitude de permanente aprendizado. (PCN+ Ensino Médio, 2002. p. 6)

Sendo assim, a Geografia traduz uma reflexão em seu processo de ensino aprendizagem, visando funcionalidades analíticas e críticas sobre uma percepção de mundo instrutora para quem discute, aprende e compreende.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em início nas turmas do Ensino Fundamental, na turma do **7º ano A**, foi possível analisar que a classe é composta por alunos de mais ou menos 10 a 12 anos de idade. São alunos de cidades vizinhas a Nazaré da Mata, em sua maioria, além de haver alguns moradores locais.

Em classe composta por aproximadamente 35 alunos, foi observável nas aulas de Geografia, que é uma turma calma. Os alunos, se mantêm em silêncio, devidamente, enquanto a professora repassa os assuntos da aula, intervindo quando necessário e conveniente. A classe mantém alguns subgrupos, geralmente durante as aulas, estão todos formando duplas (o que é característico de todas as classes da escola), o que infere a ajuda em atividades, mas também algumas conversas paralelas, que são cortadas quando necessário pela professora.

Durante o tempo observando a classe, foi perceptível que os alunos da referente classe, mantêm um bom relacionamento, entre si e com a professora. Além de que, o que mais chama a atenção nesta caracterização, é a organização que a classe tem, quando o assunto é trabalho. Na atividade de apresentação teatral, todos os grupos da referida sala, mantiveram um bom domínio de tempo e organização de sala.

Partindo ao **7º ano B**, é um grupo de faixa etária de 10 a 12 anos de idade, que moram na própria cidade de Nazaré da Mata, e nos municípios arredores.

Entretanto, com uma classe de mais ou menos 35 alunos, um pouco mais agitados que os anteriores, embora mantenham respeito quanto a ordem da professora. Há bastante conversas paralelas, porém o grupo também é bastante interativo. Nesta turma, os alunos geralmente estão sempre sentados muito próximos uns dos outros, em seus determinados subgrupos, alguns



discutindo atividades, outros conversando sobre assuntos paralelos, com um pouco de dificuldade de concentração.

Em comparação ao grupo do 7º A, esta turma é menos participativa em aula e menos organizada. Alguns conflitos muitas vezes são gerados, entre os alunos, por conta de lugar, caderno e etc, mas que são cessados pela supervisora em classe.

Em perspectiva as turmas do Ensino Médio, o grupo classe do **3º ano A**, mantém uma faixa etária de 16 a 18 anos, em uma turma de aproximadamente 30 alunos. Os discentes são advindos da própria cidade de Nazaré da Mata, e grande parte das cidades arredores.

Foi interessante perceber, que parte da turma mantém um certo tipo de dificuldade durante as aulas, com relação a disciplina de Geografia, que em partes é cessada pela professora e por alguns alunos que sabem um pouco mais dos assuntos. Alguns discentes presentes, são muito impulsivos quanto a determinadas ordens da professora, chegam até a sair da sala sem permissão, o que acaba gerando conflito. Dessa forma a professora busca se precaver de uma forma que não seja prejudicial ao resto da turma.

No mais, é um grupo que mantém seus subgrupos, e que se juntam para tirar dúvidas entre si, muitas vezes cooperando para o conhecimento.

Já no **3º ano B**, que mantém uma faixa etária de 16 a 17 anos, com aproximadamente 35 alunos. Os adolescentes são de cidades vizinhas e de Nazaré da Mata.

No geral, é uma turma mais calma que a anterior, mais concentrada e participativa nas aulas de Geografia, apesar de ser um pouco barulhenta. Estão sempre em duplas, ou grupos ajuntados, com alunos bastante aplicados tirando dúvidas sobre a disciplina, e as vezes se distraíndo com conversas paralelas, que são cessadas pela professora. Além do mais é uma turma bastante organizada, quanto aos outros grupos classes. Estão sempre interagindo entre si.

Por fim, o **3º ano C**, mantém uma faixa etária de 16 a 17 anos, com aproximadamente 35 alunos, que são da cidade de Nazaré e de municípios vizinhos.

Dentre as outras duas turmas, essa é a que abarca características em comum das anteriores, é uma turma calma, porém pouco participativa, mas que mantém alunos bastante aplicados. Estão sempre em subgrupos, que não dão muito trabalho a professora. Em geral, é uma turma organizada, e compromissada, mas que falta se alertar um pouco mais as discussões em classe com a professora.

Nos três 3º anos houve a proposta de aplicar (através do estágio) um aulão com conteúdo de vestibulares e de dificuldades dos mesmos. Foi utilizado datashow, quadro e recursos afins,



na necessidade de tratar algo diferente para o conhecimento dos alunos como mostra a figura 1.

Figura 1: Intervenção no estágio



Fonte: Autora (2018)

Embora a intervenção não tenha sido algo obrigatório do estágio, se voluntariar para tal ação não só trouxe benefícios aos alunos e a professora regente, como também a prática inicial do estágio no desenrolar das primeiras experiências. Podendo discutir os resultados das aulas com outros colegas da disciplina de Estágio Supervisionado I, e aprimorar ainda mais a didática enquanto futura docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relevância, o papel do estágio surge da necessidade do licenciando em se aproximar da realidade que o espera no futuro. Nesta linha, é uma premissa que parte da teoria da Universidade à prática nas escolas concedentes.

Dessa forma, foi instigante analisar e vivenciar experiências dentro de sala de aula, desde a observação até a própria regência e intervenção, percebendo o quão é importante e preciso o Estágio Supervisionado, tanto para a integração do licenciando, quanto para a instigação da escola, alunos e professores, junto aos projetos realizados.

Portanto, é nesta perspectiva que fica também a ideia da heterogeneidade do campo de educação, onde um aluno em sua unidade tem uma forma de aprender única e diferente dos



demais, assim como o professor em sua atividade de docência, em comparação aos outros colegas de profissão. Porém a união das diferentes características incita resultados homogêneos e proveitosos para toda a comunidade escolar, na maioria das vezes.

Neste aparato, é necessário destacar que partindo do período de observação para a ação, o conjunto de inovação, transformação e experiência que o Estágio Supervisionado pode trazer tem devida significância para a formação dos futuros profissionais licenciados em Geografia.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. *PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/ Semtec, 2002.

FERNADES, M. L. B. Estudo do meio e o ensino de Geografia. **Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL**, 2011- Costa Rica, pp. 1-19, II Semestre 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

MENEGOLLA, M.; SANT'ANNA, I. M. **Por que planejar? Como planejar?** 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, M. M. A Geografia escolar: reflexões sobre o processo didático-pedagógico do ensino. **Revista Discente Expressões Geográficas**. Florianópolis, n. 02, jun/2006. p. 10-24. Disponível: <<http://www.geograficas.cfh.ufsc.br/arquivo/ed02/artigo01.pdf>> Acesso em: 10 nov. 2019.